

# PESQUISA APLICADA E FORMAÇÃO EM JORNALISMO: ELEMENTOS PARA O DEBATE

*APPLIED RESEARCH AND TRAINING IN JOURNALISM: ELEMENTS FOR DEBATE*

*INVESTIGACIÓN APLICADA Y FORMACIÓN EN PERIODISMO: ELEMENTOS PARA EL  
DEBATE*

Alexsandro Teixeira Ribeiro<sup>1</sup>  
Guilherme Gonçalves de Carvalho<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho propõe um debate sobre a relação entre a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, e a formação acadêmica. Historicamente, a dicotomia entre o campo acadêmico e o campo profissional do jornalismo vem gerando um quadro de pesquisa que privilegia reflexões não propositivas ao mercado, não permitindo um ambiente de valorização da integração entre teoria e prática. O que se busca aqui promover é um olhar sobre a urgência de uma formação acadêmica que fomente a proatividade dos futuros jornalistas no que diz respeito a desenvolver inovações e melhorias no mercado de trabalho, a partir da ciência. Passa por isso a promoção de uma cultura da experimentação e no desenvolvimento de política que proponha a pesquisa aplicada no curso de jornalismo como elementos integrantes do processo formativo.

**Palavras-chave:** pesquisa aplicada; jornalismo; formação profissional.

## Abstract

This paper proposes a discussion about the relationship between applied research in journalism in Brazil and academic training. Historically, the dichotomy between the academic field and the professional field of journalism has created a research landscape that favors non-propositional reflections to the market, preventing an environment that values the integration of theory and practice. What we seek to promote here is an awareness of the urgency for academic training that encourages the proactivity of future journalists in developing innovations and improvements in the job market based on science. This involves promoting a culture of experimentation and developing policies that propose applied research in journalism courses as integral elements of the educational process.

**Keywords:** applied research; journalism; professional training.

## Resumen

El presente trabajo propone un debate sobre la relación entre la investigación aplicada en periodismo, en Brasil, y la formación académica. Históricamente, la dicotomía entre el campo académico y el profesional del periodismo ha generado un marco de investigación que privilegia reflexiones no propositivas al mercado, no permitiendo un ambiente de valorización de la integración entre teoría y práctica. Lo que se busca promover aquí es una mirada sobre la urgencia de una formación académica que fomente la proactividad de los futuros periodistas en cuanto a desarrollar innovaciones y mejoras en el mercado laboral, desde la ciencia. Se trata de promover una cultura de la experimentación y en el desarrollo de políticas que sugieran la investigación aplicada en el curso de periodismo como elementos integrantes del proceso formativo.

**Palabras clave:** investigación aplicada; periodismo; formación profesional.

- 
- 1 Doutor em Sociologia pela UFPR, mestre em Jornalismo pela UEPG, é professor no curso de Bacharelado em Jornalismo no Centro Universitário Uninter. Realiza estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Informática (PPGInf) da UFPR, com projeto sobre pesquisa aplicada em comunicação vinculado ao Centro de Computação Científica e Software Livre (C3SL). É membro do projeto de pesquisa “Tecnologias da comunicação e a formação em jornalismo”.
  - 2 Doutor em Sociologia com pós-doutorado em Jornalismo pela UEPG, é professor e coordenador do Bacharelado em Jornalismo no Centro Universitário, e professor do mestrado em Jornalismo da UEPG. É líder do grupo de pesquisa Comunicação, Tecnologia e Sociedade no Centro Uninter, e coordena o projeto de pesquisa “Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil (OPAJor)”.

## 1 Introdução

O jornalismo, atividade cujos resultados expressam fortemente um caráter prático, em geral, busca respostas imediatas, como é próprio de um negócio marcado pela lógica comercial (Franciscatto, 2007). A pesquisa universitária brasileira (praticamente as únicas onde há pesquisa sobre jornalismo no país), no entanto, não apenas demora a dar respostas, diante de uma série de problemas intra e extra institucional, como também pouco oferece em termos de contribuição ou soluções inovadoras ao mercado. Em sua maioria, os problemas que se colocam como norte nas pesquisas em jornalismo, sobretudo nos programas de pós-graduação, tendem a observar práticas, processos ou produtos jornalísticos em fenômenos a posteriori à realização do campo profissional (Carvalho; Ribeiro, 2024). Suas contribuições se dão, portanto, sobre o campo científico em análise ao campo profissional, não retornando a este último as reflexões ou propostas de aprimoramento resultantes do processo de infestação científica.

Em partes, a superação deste desafio assenta na dicotomia entre o campo acadêmico (universidade) e o profissional (mercado) em estabelecer relações que possibilitem a construção conjunta de soluções, ao mesmo tempo em que expressa o paradoxismo calcado na ortodoxia de um jornalismo que separa teoria e prática. A ausência de uma práxis jornalística (Genro Filho, 1987) carrega, em essência, uma disputa pouco contributiva ao jornalismo no qual as ações de pesquisa desvinculam-se da realidade ou, em geral, são especialmente críticas à atividade profissional e aos produtos que dela resultam.

Deste modo, as dificuldades para que a universidade seja também um espaço propositivo ao jornalismo podem estar também na formação universitária, que pouco trata de assuntos desta natureza ou aborda por uma perspectiva que problematiza, mas não oferece soluções.

Um dos recursos disponíveis para uma mudança nessa perspectiva poderia ser a formação, que considera também a pesquisa aplicada na área como método e como ação, reconhecendo iniciativas, realizando experimentações que aliem as teorias próprias da área com o desenvolvimento de artefatos que possam ser incorporados ao cotidiano profissional. Assim, conforme destaca Machado (2005, p. 5), o estímulo à pesquisa aplicada fomenta a autoreflexão e conseqüente amadurecimento do campo, e “permitiria a cobertura de uma lacuna que provoca muitos prejuízos ao processo de formação: o desenvolvimento de métodos de pesquisa e metodologias de ensino no campo do jornalismo. Neste artigo, nos atemos ao debate epistemológico a respeito das implicações que a pesquisa aplicada em jornalismo pode contribuir não apenas para a formação institucional em jornalismo, mas para o jornalismo profissional, de modo geral.

A hipótese é de que o descompasso entre as instituições e o mercado de trabalho, marcado pelo distanciamento entre a universidade e os jornais, não apenas dificulta o desenvolvimento de projetos de pesquisa aplicada na área, mas também limita a formação de profissionais voltados à reflexão teórica no fazer jornalístico, tornando os profissionais reprodutores de lógicas pré-estabelecidas pelo mercado e pouco pró-ativos na oferta de soluções.

O texto que se apresenta é resultado de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida buscando mapear anualmente a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil e que vem sendo publicada em uma plataforma chamada Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil<sup>3</sup>.

## **2 Conceituando pesquisa aplicada em jornalismo**

A definição conceitual de pesquisa aplicada em jornalismo pressupõe um olhar crítico refinado que compreende uma diferença efetiva entre objeto de análise e a “ação” teórica. Uma vez que mesmo pesquisa teórica precisa se fundamentar em aspectos da realidade e, mesmo o desenvolvimento de um produto jornalístico no âmbito acadêmico recebe um olhar reflexivo, a classificação do que é pesquisa aplicada em jornalismo parece não fazer sentido à primeira vista.

Segundo Assis (2018, p. 136), pesquisa aplicada é um “conceito (que) se refere à aplicação da própria pesquisa em alguma dimensão da vida real (do *locus*, por excelência, do objeto), durante seu desenrolar”. Ou seja, como sugere a conceituação do pesquisador, pesquisa aplicada só pode ser considerada como tal quando encontra materialidade em sua aplicação, isto é, quando torna-se parte do processo produtivo do jornalismo, para além daquilo que está intramuros nas instituições de ensino superior. Em confronto com o conceito de pesquisa básica, o aspecto central de distinção é a contribuição a ser ofertada por cada uma. Na pesquisa básica podemos partir de um debate teórico, mesmo que se debruçando em um fenômeno jornalístico, o que tende a estabelecer uma contribuição diretamente alinhada ao campo científico, ampliando o arcabouço de análise e de base teórica para compreensão sobre aspectos do campo profissional. Na pesquisa aplicada, a intencionalidade de afetar o universo do campo profissional do jornalismo é assumida como elemento de sustentação na investigação. Assim, o que se propõe de contribuição ao campo profissional se dá a posteriori da fundamentação e reflexão teórica, sendo aquela, portanto, determinada pela profundidade e debate desta.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.opa.jor.br/>.

Conforme reforça Cervo *et al.* (2007, p. 61), na pesquisa aplicada o investigador é "movido pela necessidade de contribuir para fins práticos mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas concretos".

Quando se observam os trabalhos científicos na área, percebe-se que em sua grande maioria amparam-se em objetos empíricos jornalísticos, o que, em certa medida, é também um alento para quem defende uma maior interação entre academia e mercado. Nesses casos, a análise, eventualmente amparada pela teoria e metodologia jornalística, tende a estabelecer pontes reflexivas importantes que podem trazer contribuições a partir da indicação de exemplos ou problemas. Por outro lado, este tipo de pesquisa, também chamada de pesquisa básica (Gil, 2008; Arendt, 1996) ou equivocadamente chamada de "pesquisa teórica", oferece poucas soluções, inovações ou alternativas, o que, do ponto de vista mercadológico, é pouco valorizado e, muitas vezes, repellido, uma vez que indicam críticas sobre questões técnicas, éticas ou estéticas no mundo dos negócios, onde o maior interesse está no lucro.

Considerando estes falsos dilemas já tão bem abordados por Meditsch (2012), podemos encontrar os pontos críticos que ajudam a explicar as dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa com fins aplicados em jornalismo no Brasil. Franciscatto (2007) demonstrava preocupação com essa questão, enriquecendo o debate sobre a necessidade reconhecimento do campo científico do Jornalismo, que estaria desafiado por duas questões centrais. Em primeiro lugar, pela dependência de áreas associadas das ciências humanas e sociais, por vezes, se perde, colocando em segundo plano as questões específicas do jornalismo. A dependência de outras ciências gerou um aparato conceitual insuficiente para explicar o jornalismo, segundo ele:

Tal movimento redundante, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo (Franciscatto, 2007, p. 1-2).

O segundo aspecto reside na vinculação do jornalismo à área científica maior. Apesar de seu caráter prático, isto é, um conjunto de habilidades e técnicas executadas pelos jornalistas e das normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam à produção, a maior parte das teorias e metodologias utilizadas nas pesquisas em jornalismo encontra fundamentos nas Ciências Humanas, onde a reflexão teórica tem prioridade. Enquanto os aspectos práticos do pensamento são mais comuns nas Ciências Sociais Aplicadas.

Por outro lado, quando comparada às Ciências da Natureza e o desenvolvimento da pesquisa experimental, nota-se a defasagem também das Sociais Aplicadas. Na primeira, o

experimento é base de conhecimento científico, sobretudo por meio do uso de laboratórios. Já no segundo caso a pesquisa experimental é considerada inaplicável ou tem pouca tradição e prioriza-se a pesquisa que parte de quadros teóricos interpretativos (Franciscatto, 2007).

Complementarmente, Santos (2018) denuncia a baixa produção de pesquisa aplicada em jornalismo como resultado da ligação histórica entre a Comunicação com as Humanidades, Letras e Artes.

As atividades de descrição e, principalmente, interpretação, amplamente utilizadas nos estudos científicos encontrados em revistas e eventos acadêmicos da área, refletem também um direcionamento claro de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e formação de pesquisadores em geral para abordagens que normalmente não tem a intenção de propor coisas ou prescrever soluções para problemas reais; práticas tão comuns em outras áreas do conhecimento, e que, a princípio, deveriam ser essenciais numa ciência, pelo menos, oficialmente, social aplicada (Santos, 2018, p. 19).

Tendo em vista estes desafios que indicam, ora uma adoção forçada de ciências pouco apropriadas ao jornalismo, ora uma orfandade que revela a ausência de raízes teórico-metodológicas mais consistentes, a pesquisa aplicada, como uma vertente da pesquisa jornalística no Brasil, precisa ser reconhecida, compreendida e localizada. Este ponto de partida ainda não superado, revelador também da imaturidade do campo científico e acadêmico, exige o esforço de definição conceitual e de taxonomia, que precisa ser retomado com certa frequência, diante da incompreensão ou da inexistência desse tipo de produção no ambiente acadêmico-científico, como ocorre na maior parte das escolas de jornalismo do país.

### **3 Pesquisa e formação em jornalismo**

Tradicionalmente, a pesquisa sobre jornalismo no Brasil iniciada nos anos 1940 em instituições de ensino superior (Hohlfeldt; Strelow, 2008), nunca esteve desvinculada de outras áreas. Mesmo em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, a pesquisa sobre jornalismo esteve vinculada às Ciências da Comunicação, que experimentavam um crescimento significativo neste período com a proliferação dos programas de pós-graduação na área.

De acordo com Rüdiger (2021), apenas a partir do final dos anos 1980, com o primeiro trabalho genuinamente teórico brasileiro do jornalismo, desenvolvido por Adelmo Genro Filho, mais de 40 anos após a implantação, também tardia do primeiro curso superior de Jornalismo no Brasil<sup>4</sup>, é que se verifica um “revisionismo epistemológico” pioneiro que formou um

---

<sup>4</sup> Trata-se da sua dissertação de mestrado publicada em livro “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”, publicado em 1987.

movimento exclusivamente acadêmico que visava a autonomia do Jornalismo como objeto de estudo em relação à Comunicação.

No Brasil, a formação jornalística antes bastante ligada às Ciências Humanas, sobretudo nas universidades federais, aos poucos viu surgir “tendência visando embasar o entendimento do jornalismo como ciência social aplicada, através da criação de um campo teórico próprio para a produção e reprodução de um saber jornalístico [...]” (Rüdiger, 2021, p. 125).

Até então o Jornalismo era visto como objeto de estudos da Comunicação e, por esse motivo, associava-se mais às Ciências Humanas, onde estão suas raízes teórico-metodológicas e cujas teorias amparavam-se tradicionalmente, em grande medida, em áreas como Sociologia, Política, Linguística, História e Filosofia (Pontes, 2008). Nessa perspectiva, sobressaem as teorias de viés marxista, que observou o jornalismo à luz de correntes teóricas críticas, como é o caso da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais, de influência europeia. O encantamento destas teorias formou muitos dos pensadores brasileiros, sobretudo nos anos 1970 (Lopes, 2003; Rüdiger, 2021), que passaram a estudar o jornalismo por essa ótica.

Apesar disso, não se deve negar que no campo da Comunicação também não foi resolvida a questão. Como aponta Lopes (2003), esse conflito se arrasta desde o Relatório da Comissão Gulbenkian para a reestruturação das ciências sociais, em 1945, que redefiniu a área de abrangência dos conhecimentos, estabelecendo uma disputa pela Comunicação.

Nesse sentido, o Jornalismo herdou um embate que o concebia como “fenômeno genérico da cultura” por um lado e atividade prática a ser ensinada por um viés tecnicista, desvinculado de aspectos teóricos, apesar de uma extensa base teórica internacional, principalmente, e muito pouco conhecida dos brasileiros. É por isso que Meditsch (2012) diz ironicamente que o jornalismo é uma “ciência sem passado”, já que o passado teórico desenvolvido em outros idiomas, principalmente na Alemanha, foi ignorado no Brasil.

[...] inserida à força no campo das ciências da comunicação, a área de jornalismo perdera o controle do próprio discurso, submetera-se à importação acrítica de concepções teóricas e metodológicas de áreas cada vez mais estranhas aquilo que seria de seu interesse, impedindo-se de desenvolver programas de ensino e pesquisa adequados ao seu objeto de estudo. O problema teria raiz nas teorias que, vendo o jornalismo de fora, impediram a acadêmica de colaborar para seu aperfeiçoamento na prática, tentar corrigir os erros e limitações que elas acusam (Rüdiger, 2021, p. 127).

Daí a estabelecer algum nível de estranhamento da classificação do Jornalismo exclusivamente no âmbito das Ciências Humanas já parece não soar mais como um sacrilégio acadêmico no

Brasil<sup>5</sup>. Os componentes que configuram uma formação voltada à compreensão de públicos, de relações sociais, de aspectos históricos e contextuais preconizados, inclusive, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo, a partir de um certo distanciamento, podem subverter uma ordem que conferia ao jornalismo um papel coadjuvante nos processos sociais. Nessa perspectiva, o Jornalismo tende a ser percebido por seus efeitos para a determinação de causas sociais e humanas.

Meditich (2012) traduz bem essa angústia quando associa as fragilidades profissionais do jornalismo, constantemente relacionada ao sentido de crise de mercado, como efeito da cisão entre prática e teoria, cujo problema se expressa na ausência de reconhecimento acadêmico como requisito para o exercício profissional e no “desprezo” de ambos pela teoria do jornalismo. Reside aí, segundo ele, um problema crônico que toma proporções na

Inexistência de um corpo de conhecimentos específicos, amadurecido filosófica e cientificamente, consensuado internacionalmente e reconhecido socialmente para justificar o fechamento do mercado de trabalho e seus possuidores, em nome da qualidade da prestação de um serviço (Meditich, 2012, p. 147)

Em contrapartida, o reconhecimento da proximidade com as Ciências Sociais torna-se libertador de potencialidades ainda pouco exploradas no campo do Jornalismo, área que o associa, geralmente, à perspectiva mercadológica, já que diz respeito aos aspectos técnico-práticos da ação humana (Silva, 2005). Aos cursos mais voltados à formação técnica, geralmente nas universidades particulares, cujos resultados se medem pela eficácia na contratação de egressos por empresas jornalísticas, a proximidade com as Ciências Sociais era mais requisitada, reforçando a bipolaridade na formação em jornalismo no Brasil. Nas universidades públicas a formação em jornalismo era mais influenciada pelas Ciências Humanas e, conseqüentemente, o perfil de formados era mais intelectual. Nas universidades particulares, por outro lado, cuja formação era amparada por princípios das Ciências Sociais, o perfil era mais técnico e, logo, associada a uma perspectiva funcionalista, que, de modo geral, foi bastante negada pelos teóricos brasileiros da comunicação, sobretudo, os ligados às universidades públicas.

---

<sup>5</sup> Uma classificação do Ministério da Educação tem mantido, nos últimos anos, uma situação esdrúxula para os cursos de jornalismo. De acordo com o Manual para Classificação dos Cursos de Graduação e Sequenciais que apresenta a Classificação Internacional Normalizada da Educação (Cine Brasil), os cursos de jornalismo seriam estariam na área geral das Ciências Sociais, Comunicação e Informação. Na versão atual, de 2021, o Jornalismo foi rebaixado a rótulo e nem aparece citado como subárea. Está diluído na área específica Comunicação e informação e na estranha área detalhada Comunicação e reportagem, seguindo a classificação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O documento pode ser acessado em [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_superior/manual\\_para\\_classificacao\\_dos\\_cursos\\_de\\_graduacao\\_e\\_sequenciais\\_cine\\_brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_superior/manual_para_classificacao_dos_cursos_de_graduacao_e_sequenciais_cine_brasil.pdf)

Em ambos os casos, no entanto, a formação tinha mais em conta as teorias da Comunicação do que do próprio Jornalismo. Nesse sentido, se a bipolaridade institucional contribuiu para reforçar a cisão entre teoria e prática, o problema também foi aprofundado por uma exogenia teórico-metodológica.

Se este é um embate que vem perdendo força nos últimos anos, como resultado das ações que buscam o reconhecimento teórico e científico do jornalismo no Brasil, intriga o fato de que poucas ainda são as iniciativas institucionais de universidades brasileiras que conseguem avançar no sentido de estabelecer relações com mercado jornalístico a fim de oferecer soluções e alternativas viáveis e sustentáveis.

O problema, nesse caso, não estaria no dilema epistemológico das raízes do jornalismo e seu pertencimento a esta ou àquela área científica, cujos aspectos são meramente classificatórios e pouco dizem sobre as teorias que devem ou não ser requisitadas para os estudos em Jornalismo, se se reconhece sua autonomia e sua força como ciência.

A postulação de que o jornalismo é ciência social aplicada pode, é claro, vir a ter mais força, porque, academicamente, o aprendizado é domínio da coisa comporta a experimentação, mas, por outro lado, essa, em geral, é frágil e seus poucos resultados produtivos, salvo engano, raramente são adotados pela profissão e a indústria. Ao contrário do que acontece em áreas como medicina ou a engenharia, a acadêmica tem muito pouca influência no exercício profissional do jornalismo, não sendo incomum sua alienação recíproca. Às impugnações da primeira parte dos profissionais não são estranhas às irresponsabilidades intelectuais e muitos acadêmicos, conforme se pode ver, por exemplo, no ensaísmo selvagem presente em tantas manifestações da área (Rüdiger, 2010, p.148).

Não há nenhum absurdo na crítica de Rüdiger. A dificuldade acadêmica do jornalismo, que está *pari passu* com as crises do mercado jornalístico, é própria de um campo que não avança ou faz pouquíssimos progressos para superar a dicotomia entre teoria e prática. Mas, neste cenário, a classificação sobre a qual área científica pertence parece pouco eficiente, se considerarmos iniciativas que associam o jornalismo a uma dupla identidade Humana e Social como algo benéfico.

Nesse caso, pouco importa o axioma científico se em ambos os casos as teorias e a metodologia continuam não sendo jornalísticas, ou, como propõe Groth (2011), em seu esforço pelo reconhecimento da Ciência dos Jornais, se não se desenvolve três elementos fundamentais para o avanço científico em qualquer área: objeto próprio, método próprio e sistema próprio.



#### 4 Potencialidades da pesquisa aplicada

A revisão das condições atuais de formação em jornalismo no Brasil que permitam uma clivagem do pensamento dos recém-formados, é uma alternativa a ser considerada no processo de mudanças que podem aprofundar ações que busquem uma formação mais propositiva. Nesse sentido, a premissa do ensino superior como uma formação que envolve também a extensão e a pesquisa, precisa considerar a incorporação de projetos e pesquisa que envolvam metodologias e procedimentos próprios da pesquisa aplicada.

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Jornalismo (Brasil, 2013) não trazem citações claras à pesquisa aplicada. Entretanto, verifica-se o reconhecimento da pesquisa como um importante instrumento para a formação profissional qualificada. O documento reconhece a utilização da pesquisa em dois momentos: um no que diz respeito às atividades complementares, compreendendo o papel da pesquisa como uma ação complementar à formação. O inciso 2, parágrafo 5º do artigo 13, diz que são consideradas atividades complementares “atividades acadêmicas: apresentação de relatos de iniciação científica, pesquisa experimental, extensão comunitária ou monitoria didática em congressos acadêmicos e profissionais”. O outro, diz respeito ao programa dos cursos, que devem incluir, conforme o inciso 2, do artigo 4, os seguintes objetivos:

ênfatar, em sua formação, o espírito empreendedor e o domínio científico, de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente (Brasil, 2013).

Desse modo, a pesquisa deve fazer parte dos conteúdos regulares dos cursos, o que é perceptível no âmbito da iniciação científica, da realização dos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e, eventualmente, de modo menos evidente, em projetos experimentais.

No entanto, não é incomum que também se confunda pesquisa aplicada com projetos laboratoriais ou projetos práticos desenvolvidos no curso que indiquem algum tipo de reflexão teórica. Os TCCs são um exemplo disso. Nos cursos de jornalismo, conforme as DCNs, é possível que o aluno elabore “um trabalho prático de cunho jornalístico ou de reflexão teórica sobre temas relacionados à atividade jornalística [...] acompanhado por relatório, memorial ou monografia de reflexão crítica sobre sua execução” (Brasil, 2013).

Para alguns, a pesquisa aplicada na graduação em jornalismo estaria assegurada pelos TCCs ou em artigos que, eventualmente, analisam os resultados de um projeto laboratorial ou de extensão. A confusão evidencia uma fragilidade no campo acadêmico que tem dificuldades

em encontrar parâmetros que possam estabelecer separações entre o que é pesquisa básica e pesquisa aplicada, ou ainda, entre o que é projeto prático e pesquisa. Esse é um debate complicado. Se há pouca clareza sobre o assunto é porque a linha que divide ambas também é tênue.

De acordo com Stokes (2005), a superação do modelo linear que percebia a pesquisa aplicada como resultante do desenvolvimento da pesquisa básica possibilitou a superação da dicotomia entre ambas e reconheceu um grau de importância significativa para a ciência e a tecnologia nos Estados Unidos. Em seu estudo, observando eventos de progresso tecnológico ao longo do século XX, ele verificou que a relevância de institutos de pesquisa, pesquisadores e suas pesquisas ocorreu quando pesquisa básica e pesquisa aplicada foram associadas.

Mais do que isso, foram esses movimentos que direcionaram investimentos públicos e privados para a constituição de universidades e cursos superiores, uma vez que “converteram a pesquisa científica original em uma carreira profissional economicamente viável” (Stokes, 2005, p. 73).

Neste ambiente, não só ascenderam mais rapidamente as áreas em que a pesquisa básica estava associada à pesquisa aplicada, mas também aquelas em que a produção científica estava associada à formação profissional. As invenções e inovações agora institucionalizadas em universidades forjaram

Um forte elo entre a pesquisa e a formação, na medida em que os professores titulares, que dirigiam o trabalho em seus institutos de pesquisa, eram também responsáveis pelo ensino nesses campos. Novos formatos para o aprendizado – aulas de especialistas, seminários de pesquisa, experiências de laboratório, estudos monográficos – foram criados para suprir as necessidades do currículo científico. (Stokes, 2005, p. 66)

Este movimento importado da Suíça, Áustria e Alemanha pelos Estados Unidos provocou uma aceleração do progresso científico neste último, comprovando sua eficácia em termos de resultados de pesquisa associado à formação de profissionais altamente qualificados que encontravam igualmente uma carreira profissional economicamente viável e promissora. Movimento este que seria refreado no pós-guerra com a tentativa de separação entre pesquisa básica e aplicada, segundo Stokes (2005).

Esses elementos dão pistas sobre o que precisa ser realizado para que o jornalismo supere suas limitações. É claro que, diferentemente de áreas de conhecimento mais desenvolvidas, são necessários muitos passos ainda a serem dados. A começar pelos dilemas científicos já apontados anteriormente e dos quais outras áreas mais avançadas não precisam encarar.

Nesse sentido, o investimento em pesquisa aplicada em jornalismo pode representar mais do que a oferta de uma inovação ao mercado jornalístico, como quer fazer entender muitos dos críticos a qualquer relação entre universidade e empresas jornalísticas. O desenvolvimento desse tipo de pesquisa ainda bastante incipiente é capaz de mobilizar o pensamento acadêmico para outras possibilidades, conferindo uma formação diferenciada, mais propositiva e mais integrada à realidade, capaz de fazer avançar o campo científico específico tornando-o menos dependente.

É fundamental destacar que a pesquisa aplicada no viés do jornalismo consolida-se em cenário de formação com foco em observar necessidades práticas do mercado, pois fomenta a busca por soluções que evidenciam necessidades individuais, de grupos ou da sociedade como um todo. Ademais, para isso, não há um privilégio da pesquisa aplicada em detrimento aos esforços das pesquisas básicas e das contribuições para a dimensão teórica do jornalismo. Stokes (2005), ao contrário, reforça a relação de integração entre as pesquisas, percebendo a inexistência de uma pesquisa aplicada isoladamente. O que se pressupõe é a dependência dos conhecimentos gerados a partir da pesquisa básica para a consolidação da pesquisa aplicada, e consequentemente a produção de conhecimento e de contribuição também no campo teórico a partir das propostas da pesquisa aplicada, resultando em uma interdependência crucial. Apesar de não ser tão evidente ou volumosas as reflexões meramente teóricas no campo científico do jornalismo, na medida em que a observação dos fenômenos e da materialidade do jornalismo se tornam evidentes nas preocupações das investigações acadêmicas, é importante apontar que a pesquisa aplicada contribui também com a formação e ao campo profissional na redução de um empirismo. Ou seja, de um cenário em que tentativas e erros se constituem como as principais “estratégias” para promoção da inovação e de um jornalismo de inovação.

Como observado em estudos anteriores acerca da inovação no jornalismo (Ribeiro *et al.*, 2021), a reatividade do campo profissional, resulta em incorporação tardia de tecnologias e de inovação no cenário jornalístico. Iniciativas do cenário independente, mesmo as nativas digitais, que surgiram em um ambiente de quebra do paradigma de financiamento publicitário do jornalismo, e que no imaginário profissional se consolidariam em espaço de promoção de práticas inovadoras no mercado, demonstraram-se acanhadas neste viés, reproduzindo, quando muito, as parcas e tímidas contribuições das grandes e tradicionais empresas jornalísticas para o aperfeiçoamento do mercado e das práticas de produção e consumo da notícia.

A pesquisa aplicada como aspecto estrutural da formação em jornalismo, bem como preocupação nos programas de pós-graduação na área, apresenta o potencial de fornecer ferramentas para ampliar este caráter de inovação no campo, na medida em que permite uma

cultura de aproximação entre mercado e academia em uma geração de futuros jornalistas, permitindo um ambiente mais sensível à contribuição da pesquisa aplicada e básica para a fundamentação das decisões, das tecnologias, dos aprimoramentos e das inovações gestadas no campo jornalístico, quer sejam originárias da academia, quer seja fomentadas pelo mercado, ou ainda em parcerias. Tal medida aumentaria o grau de eficiência e eficácia das soluções propostas para o cenário jornalístico e, conseqüentemente, para a sociedade por excelência do jornalismo.

## **5 Considerações finais**

Ainda que possamos identificar uma quantidade muito pequena de pesquisa aplicada em jornalismo, o recente interesse acadêmico maior a este tipo de pesquisa no Brasil pode estar associado a um contexto desafiador ao jornalismo. O interesse por pesquisa aplicada em geral está associado à inovação no jornalismo.

A inovação, por sua vez, conceitua-se no sentido de oferecer novas possibilidades, por meio de recursos que possam transformar a realidade. Em um cenário de crise para o modelo de negócio jornalístico, marcado pelo enxugamento de redações, redução de processos de maior custo como a impressão e processos que exijam tempo e dinheiro para a produção jornalística, em um cenário de hiperconcorrência, a inovação pode oferecer respostas para que o jornalismo possa se diferenciar em relação àquilo que o mercado midiático tem ofertado.

Mais do que isso, esse assunto desperta o interesse do campo em todos os sentidos, exigindo também do campo acadêmico repostas que garantam às instituições de ensino e pesquisa um papel relevante nesse processo. Daí porque a pesquisa aplicada deve ser vista com outros olhos. A pesquisa aplicada pode ser tornar a ponte entre o jornalismo e a inovação, oferecendo soluções para problemas específicos e garantindo um diferencial competitivo para os jornais (Alexandre; Aquino, 2021), devolvendo ao campo acadêmico um papel protagonista capaz de desenvolver pesquisa associada à formação qualificada.

Este percurso, no entanto, exige uma incorporação de elementos fundamentais que permitam o desenvolvimento de pesquisas com essas características. Não se trata de desenvolver produtos, apenas, mas de reconhecer uma metodologia específica para o desenvolvimento de artefatos que estejam alinhados diretamente a demandas concretas do mercado jornalístico, se possível, em parceria com instituições que possam demandar pesquisas com fins jornalísticos. Isso precisaria fazer parte do roteiro de formação dos futuros jornalistas.

## Referências

- ALEXANDRE, T. B.; AQUINO, M. C. Pesquisa aplicada como inovação metodológica no jornalismo: dimensões teórica, empírica e experimental. **Revista Observatório**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 1-23, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n3a10pt>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11942>. Acesso em: 12 março. 2024.
- ASSIS, F. Pesquisa aplicada em jornalismo: o desafio da construção do objeto. **Comunicação & Inovação**, [s. l.], v. 19, n. 41, p. 133-148, 2018. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5518/2560](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5518/2560). Acesso em: 12 março. 2024.
- ARENDT, R. Pesquisa básica versus pesquisa aplicada. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p.71-78, 1996. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300005). Acesso em: 12 março. 2024.
- CARVALHO, G.; RIBEIRO, A. Pesquisa aplicada e as possibilidades para uma formação propositiva em jornalismo. In: 23º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, 2024, Goiânia. **Anais eletrônicos [...]** Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/enejor-2024/trabalhos/pesquisa-aplicada-e-as-possibilidades-para-uma-formacao-propositiva-em-jornalism?lang=pt-br>. Acesso em: 30 set. 2024.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BRASIL. Resolução n.º 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, v. 150, n. 190, p. 26, 01 out. 2013. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/10/2013&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=96>. Acesso em: 12 março. 2024.
- FRANCISCATTO, C. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2007, Salvador-BA. **Anais [...]**, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GROTH, O. **O poder cultural do desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOHLFELDT, A.; STRELOW, A. Métodos de pesquisa em jornalismo. *In*: SOUSA, J. P. **Jornalismo, História, Teoria e Metodologia**: perspectivas luso brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

LOPES, M. I. **Pesquisa em comunicação**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES, M. I. **Sobre o Estatuto Disciplinar do Campo da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, E. **A Pesquisa aplicada em jornalismo como fator de desenvolvimento**. *In*: Conferência proferida no Seminário Adelmo Genro Filho, comemorativo dos 30 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e dos 20 anos do livro O Segredo da Pirâmide, 26 jul. 2005. Centro de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Disponível em: [https://facom.ufba.br/jol/pdf/2005\\_goncalves\\_pesquisa\\_desenvolvimento.pdf](https://facom.ufba.br/jol/pdf/2005_goncalves_pesquisa_desenvolvimento.pdf). Acesso em: 03 mar. 2024.

MEDITSCH, E. **Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está porvir**. Florianópolis: Insular, 2012.

PONTES, F. Do jornalismo e da história à história do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 167-185, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n2p167>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p167>. Acesso em: 12 mai. 2022.

RIBEIRO, A.; SANTOS, A.; OLIVEIRA, A.; PEDRINI, C.; CARVALHO, G. A condição contextual como fundamento da inovação no jornalismo. **Cadernos da Escola de Comunicação**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 1-71, 2021. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/5928>. Acesso em: 12 mai. 2022.

RÜDIGER, F. **As teorias do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2021.

SANTOS, M. C. Pesquisa aplicada em comunicação: O estranhamento da interdisciplinaridade que nos assombra. **Comunicação & Inovação**, [s. l.], v. 19, n. 41, p. 18-33, 2018. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol19n41.5469>. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5469](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5469). Acesso em: 12 mai. 2022.

SANTOS, M. C. Por uma epistemologia orientada à complexidade: notas sobre a pesquisa no campo da Comunicação. *In*: PARIZI, R.; MARTINS, T. **Comunicação & Sistemas de Informação - v. 1**. Uruguaiana, RS: Editora Conceito, 2021.

SILVA, M. A. F. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. ed. Curitiba: Ibplex, 2005.

STOKES, D. **O quadrante de Pasteur**: a ciência básica e a inovação tecnológica. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2005.

**Data de submissão**: 30 de setembro de 2024

**Data de aceite**: 13 de novembro de 2024